

de tudo e e todos

REGISTROS

■ A fotógrafa Maika Elan capturou o mundo “escondido” dos hikikomori enquanto acompanhava a Novo Começo, uma organização sem fins lucrativos que trabalha para tirar os hikikomori da reclusão no Japão. Semelhante ao que seria uma assistência social, uma equipe tenta abrir a comunicação com os isolados por meio de cartas, ligações e algumas visitas presenciais. O objetivo é que as pessoas saiam de casa e consigam participar de um programa de formação profissional.

VALDO
VIRGO

Palavra do especialista

O próprio paciente percebe que tem hikikomori? Como é o caminho até ele buscar ajuda?

Raramente o paciente perceberá, ele mesmo, que tem hikikomori e, muito menos, buscará ajuda sozinho. Os sinais costumam ser percebidos por um familiar — o que já é difícil, porque a família tende a se acomodar — ou algum amigo. Eles, provavelmente, não saberão dizer exatamente o que está acontecendo, mas são capazes de perceber que o comportamento não é normal e, assim, incentivam que a pessoa busque ajuda médica.

Há dificuldades no diagnóstico e no tratamento?

Muitas. O hikikomori ainda não faz parte dos diagnósticos rotineiros dos consultórios. Poucos profissionais estão por dentro do tema e, sem saber nomear o quadro, o paciente acaba tendo outro prognóstico. O engajamento em tratamentos, talvez, seja uma das principais limitações. É característico do hikikomori que ele não dê sequência. Por isso, é importante se atentar aos gatilhos e recaídas.

A pandemia parece ter piorado os casos de hikikomori em prevalência e gravidade?

Estudei isso nos últimos anos. Temos dados genéricos de algumas partes do mundo apontando, sim, um aumento na prevalência de casos, justamente pelo isolamento geral forçado. Esse cenário, inclusive, pode esconder alguns quadros de hikikomori. Acredita-se que a incidência seja bem maior do que se sabe.

Thiago Henrique Roza é psiquiatra. Tem projetos de pesquisa, principalmente, na área de avaliação de risco de suicídio, psiquiatria forense e medicina legal, transtorno bipolar, transtorno mentais relacionados ao uso de tecnologias, hikikomori, neuropsiquiatria e outros. Em 2021, recebeu o Fellowship Award, da Sociedade Japonesa de Psiquiatria e Neurologia